



CORPOS LÉSBICOS NO YOUTUBE: QUAIS SÃO AS MULHERES VISÍVEIS?

Joana Ziller¹

Leíner Hoki²

Dayane do Carmo Barretos³

RESUMO

Branças, jovens, magras: assim é a maioria das mulheres lésbicas que se dão a ver no YouTube. Tal percepção se baseia em uma amostra de 862 vídeos coletados a partir das tags “lésbicas” e “sapatão” para analisar que corpos são visíveis nesse escopo, principalmente no que se refere à raça/etnia, idade e padrão corporal. Para abordar essa questão, iniciamos o artigo recuperando as produções acadêmicas, principalmente brasileiras, que tematizam as lesbianidades, a fim de conceituar melhor o que entendemos pelo termo. Chegamos a uma concepção de lesbianidade como identidade e como prática, que nos permitiu avançar em uma abordagem mais ampla nas nossas considerações acerca das lésbicas que se dão a ver nas produções analisadas. Em nossa pesquisa, percebemos que, para além da predominância de corpos que performam um padrão normativo de ser mulher, há também expressões de resistências e diversidades importantes de destacar. Concluimos, assim, que há várias formas de ser lésbica, mas que elas estão submetidas a lógicas normativas que não só complexificam essas existências por meio do jogo entre docilidade e resistência, como também operam sobre as visibilidades.

Palavras-chave: Lésbica, Sapatão, YouTube, Visibilidades, Corpos.

¹ Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG, coordena o Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermediáticas (NucCon) e seu Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL). joana.ziller@gmail.com.

² Mestre em Artes Visuais pela UFMG (Belo Horizonte, Brasil), integra o Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL). leinerhoki@gmail.com

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG (Belo Horizonte, Brasil), integra o Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL). E-mail: dayanebarretos@gmail.com

ABSTRACT: White, young, skinny: those are the majority of lesbian women whom show off on YouTube. This insight is based on a sample of 862 videos collected from the “lésbicas” and “sapatão” tags [something like “lesbians” and “butch”], to analyze which types of bodies are visible in this scope, wondering about their race/ethnicity, age and body pattern. To approach this issue, we initiated this essay by recovering the academic publications, mostly Brazilian, which thematize about lesbianism, in the aspiration to better conceptualize and understand the term. We landed on a notion of lesbianism both as practice as well identity, that led us on a broader approach on our studies about the analysis. In our research, we understood that beyond the predominance of bodies that perform the womanhood status quo, there is still space for resistance and diversity. We concluded that there's a lot of ways of being a lesbian, but they are all submitted to the logic of the normativity, that not only complexify the lesbian existence by capturing them under the game of docility and resistance, but also operates on the lesbian visibility as a hole.

Keywords: Lesbian, Butch, YouTube, Visibilities, Bodies.

RESUMEN: Blancas, jóvenes, delgadas: esas son la mayoría de mujeres lesbianas que lucen en YouTube. Esta información se basa en una muestra de 862 videos recopilados de las etiquetas “lésbicas” y “sapatão” [algo como “lesbianas” y “bollera”], para analizar qué tipos de cuerpos son visibles en este ámbito, preguntándose sobre su raza /etnia, edad y patrón corporal. Para abordar este tema, iniciamos este ensayo recuperando las publicaciones académicas, en su mayoría brasileñas, que tematizan sobre el lesbianismo, en la aspiración de conceptualizar y comprender mejor el término. Aterrizamos en una noción de lesbianismo como práctica e identidad, que nos llevó a un enfoque más amplio de nuestros estudios sobre el análisis. En nuestra investigación entendimos que, más allá del predominio de cuerpos que están dentro de lo status quo de la feminidad, todavía hay espacio para la resistencia y la diversidad. Concluimos que hay muchas formas de ser lesbiana, pero todas están sometidas a la lógica de la normatividad, que no solo complejizan la existencia lesbiana al capturarlas bajo el juego de la docilidad y la resistencia, sino que también opera sobre la visibilidad lésbica, como un todo.

Palabras-clave: Lesbiana, Bollera, YouTube, Visibilidades, Cuerpos.

Introdução

Frente à invisibilidade cotidiana das lesbianidades, quem é a lésbica que se dá a ver nos vídeos do YouTube que tratam de nós? Essa é a pergunta que guia a pesquisa que tem parte de seus resultados apresentados aqui. Para respondê-la, partimos de uma discussão sobre como definir as lesbianidades – questão da qual boa parte da ínfima produção bibliográfica que existe sobre o tema se esquivava. E de duas coletas feitas no YouTube,

utilizando a ferramenta *YouTube Datatools*, com os termos *lésbicas* e *sapatão*.

Analisamos a coleta a partir da noção de que as lesbianidades podem ser vistas como identidade e como prática – nessa segunda possibilidade, sem que transar com mulheres ou adotar um visual *butch*, por exemplo, implique necessariamente em uma identidade lésbica. Tal ideia, consoante à afirmação de Guasch (PAIVA & VERAS, 2016) de que há muitas formas de ser lésbica, vai de encontro à reafirmação da norma de gênero que encontramos em nosso corpus (ou corpos?): como discutiremos nas próximas páginas, os vídeos analisados mostram sobretudo mulheres brancas (65,6% dos vídeos), jovens (84,9% dos vídeos), magras (77,4% dos vídeos)⁴ e que performam feminilidade dentro de moldes tradicionais – ainda que não possamos deixar de destacar as produções que resistem a essa padronização, apresentando corpos mais diversos e produzindo narrativas questionadoras. Esse duplo entre docilidade e resistência, próprio das dinâmicas normativas, nos auxilia a complexificar o olhar para as visibilidades das lesbianidades.

O debate sobre as lesbianidades

Para entender melhor o que se percebe como lesbianidade contemporaneamente no Brasil, planejamos a tradicional revisão bibliográfica. Para nossa (não tão grande) surpresa, o levantamento no Portal Periódicos apontou a presença de apenas 39 artigos como resultado da busca pelo termo *lesbianidade*⁵. A pequena quantidade de retornos é mais um indicador da invisibilidade cotidiana das mulheres lésbicas e de como ela alcança também a produção acadêmica. Para se ter uma ideia de quão significativamente pequena é essa resposta, fizemos buscas de outros termos relacionados à temática da sexualidade.

Considerando apenas resultados em português, a busca pelo termo *sexualidade* no Portal Periódicos retorna 4.604 artigos; o termo *gay*, 1.647 artigos; *homossexualidade*, 838; *LGBT*, 587; *teoria queer*, 452; *travesti*, 272; *lésbica*, 266; *travestilidade*, 48. Vale

⁴ Tal índice se dá em relação ao total de vídeos, não correspondendo à soma dos percentuais de cada categoria.

⁵ A busca, originalmente feita em fevereiro de 2020, foi atualizada em agosto de 2021 seguindo os mesmos padrões. Curiosamente, os números se alteraram - a maioria teve menos retornos na busca no Portal de Periódicos, o que aponta para a exclusão de periódicos científicos que tratam de temáticas relacionadas a gênero e sexualidade do escopo acessível pelo portal.

ressaltar que, ainda que tenhamos analisado os 39 resultados com *lesbianidade* obtidos no portal, se aplicássemos o mesmo filtro de idioma, a quantidade de artigos retornada seria de 25.

É certo que os termos acima são usados de maneiras diversas, têm amplitudes diferentes, ocupam lugares distintos em nosso idioma. Entretanto, a grande disparidade aponta, como já dissemos, para a invisibilidade das lesbianidades na sociedade como um todo e, nesse caso, no universo das discussões sobre gênero e sexualidade. Boa parte dos textos que se propõem a analisar questões LGBT ou relacionadas à homossexualidade se volta aos homens gays, tomando-os como representantes de uma discussão que apresenta diferenças intrínsecas muito profundas, bastante registradas na história dos movimentos LGBTs (GREEN, QUINALHA, CAETANO, FERNANDES, 2018). Se é improvável pensar numa unicidade para a categoria gay, ainda mais o é se tomarmos conjuntamente a ela lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

Ainda é preciso pensar que a pouca visibilidade das lesbianidades é marcada ao menos por uma dupla hierarquização, relativa ao gênero e à orientação sexual (ROJAS, 2016; OLIVEIRA & MESQUITA, 2018). Mas essa dupla hierarquização vale apenas para as lésbicas jovens, brancas, magras, fora do rol das pessoas com deficiência etc. Ou seja, há outras hierarquias sobrepostas nas vivências de mulheres lésbicas – assim como de homens gays, pessoas bissexuais, travestis, transexuais, não binárias, entre outras.

Dos 39 artigos apresentados pelo Portal Periódicos para a busca pelo termo *lesbianidade*, apenas 33 se encaixam de fato no escopo pretendido. Entre esses, a discussão sobre o que se entende por *lesbianidade* estava presente em uma pequena parcela. Muitos dos textos partem de uma autoidentificação prévia para discutir aspectos ligados à vida de mulheres lésbicas – nossa atuação profissional (MACIEL & GARCIA, 2015; CAPRONI NETO & BICALHO, 2017), nossa inserção política (SILVA, 2018; LEITE, 2017; MEDEIROS, 2006; OLIVEIRA & MESQUITA, 2018; RIBEIRO, COSTA & SANTIAGO, 2018); produtos midiáticos em que estamos representadas (BORGES & SPINK, 2009 e 2011; SANTOS, 2018; BATISTA E SOUZA, 2019; MARTINS, 2019).

Ainda que não discutam conceitualmente as lesbianidades, alguns desses textos trazem indícios do que se reconhece como tal, apontando para a questão identitária (como em SILVA, 2018; MEDEIROS, 2006; FERREIRA & GROSSI, 2014) e o corpo (como em SILVA, 2018; MACIEL & GARCIA, 2015; BATISTA & SOUZA, 2019). Há, também, diálogos

interseccionais, relacionando lesbianidades e negritude (como em LIMA, 2018; BRITO, 2018). Cabe, ainda, registrar o questionamento à própria categorização das mulheres lésbica e à pertinência de seguir discutindo gênero e sexualidade a partir de categorias estanques – com lésbicas, gays e bissexuais (BARBOSA & GUERIM, 2020; SILVA, 2018; MEZZARI, 2019; PAIVA & VERAS, 2016).

Entre os textos que se propõem a entrar mais aprofundadamente na discussão sobre o que se entende por lesbianidade, as abordagens mais presentes dizem respeito ao desejo e ao sexo; ao corpo; e à ideia de que as lesbianidades são por si só revolucionárias, em consonância ao bordão *sapatão é revolução!* Tais marcadores remetem às discussões de Rich (2019) e Wittig (1980), que ganharam visibilidade nas décadas de 1970 e 1980.

Rich (2019) reivindica o uso das expressões *continuum* lésbico e existência lésbica, argumentando que o termo lésbica foi de tal maneira tomado pela medicalização e, mais amplamente, pelo patriarcado, que as diversas formas de amizade e companheirismo entre mulheres foram separadas do caráter erótico, o que o apartaria, estabelecendo um fechamento em si mesmo. De maneira ampla, apresenta a ideia de um continuum lésbico que abarcaria não apenas as mulheres que mantêm relações sexuais ou sentem desejo consciente por outras mulheres, mas, muito além disso, valorizaria

aspectos da identificação das mulheres tão diversos como as amigas impudentes e íntimas de meninas de oito ou nove anos e a associação daquelas mulheres dos séculos XII e XV, conhecidas como Beguinhas, que “compartilhavam casas, alugavam-nas entre si, legavam casas às companheiras de quarto... em casas baratas subdivididas nos bairros dos artesãos”, que “praticavam a virtude cristã por conta própria, vestindo-se e vivendo de forma simples e não se associando com homens”, que ganhavam seu sustento como fiandeiras, padeiras, enfermeiras, ou que administravam escolas para meninas, e que conseguiram – até que a Igreja lhes obrigasse a se dispersar – viver independentes tanto de casamento como das restrições dos conventos. Isso nos permite relacionar essas mulheres com as mais célebres “lésbicas” da escola de mulheres de Safo no século VII a.C, com as irmandades secretas e redes econômicas relatadas entre as mulheres africanas, e com as irmandades chinesas de resistência ao casamento – comunidades de mulheres que recusavam o casamento ou que, se casadas, muitas vezes se recusavam a consumir seu casamentos e logo deixavam os maridos – as únicas mulheres na China que não tinham os pés amarrados e que, segundo nos conta Agnes Smedley, festejavam os nascimentos das filhas e organizavam bem-sucedidas greves de mulheres nas fábricas de seda (2019, p. 69-70).

A abordagem de Rich encontra críticas entre outras feministas, como Rubin e Wittig, que apontam que a ampliação demasiada pode deslegitimar desejos e experiências de

mulheres “que, de fato, estabeleciam relações e relacionamentos afetivo-sexuais com outras mulheres” (FREITAS, 2019).

Por sua vez, Wittig também não circunscreve à dupla sexo/desejo as vivências lésbicas, fazendo deslizar a discussão do campo sexual para o político. Para ela, “as lésbicas não são mulheres” (1980, p. 6) e o termo “‘mulher’ tem significado apenas em sistemas de pensamento heterossexuais e em sistemas econômicos heterossexuais” (1980, p. 6). Assim, Wittig caracteriza a heterossexualidade como uma espécie de regime político recusado pelas lésbicas que, por permanecerem alheias à dominação masculina, não poderiam ser enquadradas como mulheres e, por também não poderem ser vistas como homens, estariam além da categoria do sexo/gênero (LESSA, 2007).

No rol de artigos analisados, é recorrente a discussão da lesbianidade para além do desejo/sexo, frequentemente marcada pelas discussões de Wittig (1980). Wermuth & Canciani (2018) apontam que “o relacionamento entre mulheres não se pauta somente em práticas homoeróticas” (p. 1369); Carmo (2018) destaca um conjunto de características ao registrar que, em sua pesquisa, a lesbianidade “se erige em oposição à feminilidade supostamente inerente à ‘mulher’” (p. 208); ao se voltarem ao universo de jovens feministas, Ribeiro, Costa & Santiago (2012) discutem que, “no universo riot, ter experiências sexuais com mulheres não faz (...) com que as garotas que experimentam ou tenham relações casuais com outras mulheres deixe de ser considerada heterossexual” (p. 235); Toledo e Teixeira Filho dizem que “Apenas sentir desejo/atração pelo mesmo sexo ou ter relações/práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo não define a subjetividade” (p. 740), apontando para a questão da identidade; Barbosa e Guerim (2020, p. 433) registram ser possível “conceber a lesbianidade como um tornar-se Outro dentro das estruturas heteronormativas, que a partir da própria experiência do corpo enquanto existente no mundo, desafia os discursos tradicionais sobre normas de comportamentos sexuais e de gênero”. De forma mais pungente, Boucier, entrevistada por Ferreira e Grossi (2014), afirma que “faz tempo que as lésbicas não são ‘mulheres que trepam com mulheres’” (p. 923).

Se a dupla desejo/sexo não é por si só definidora de uma identidade, ainda assim as referências a ela seguem presentes nos textos listados. A questão que salta aos olhos é que *apenas* desejo/sexo são insuficientes para garantir uma identidade lésbica. Entendemos que delimitar tal identidade exclusivamente em função do desejo e do sexo, além de isolá-

la de debates sociais, políticos e econômicos, traz também riscos relevantes, como a exclusão de mulheres que, por questões sociais ou fisiológicas, em algum momento de suas vidas deixaram de sentir desejo, ainda que sigam se identificando como lésbicas.

Mas deslocar a discussão das lesbianidades para além do sexo é uma necessidade e é também um risco. O movimento, no final do século XX, de ampliar a discussão das lesbianidades foi fundamental à busca por direitos e à ampliação de dimensões como a política, socioeconômica e cultural; a própria existência de um feminismo lésbico é um dos frutos desse deslocamento. Por outro lado, deixar em segundo plano as questões relativas a sexo e desejo – ou circunscrevê-las ao âmbito dos debates medicalizados – contribuiu para a percepção de que sexo e desejo são menos importantes para as lésbicas, menos presentes do que entre os homens gays por exemplo, tendo em vista a percepção social cotidianamente reforçada de que mulheres sentem menos desejo e apreciam menos o sexo do que os homens (ARC, 2009; GIMENO, 2008; MÍCOLLIS & DANIEL, 1983).

Vale notar que, ainda que haja consonância entre a pouca visibilidade de mulheres lésbicas e a baixa produção acadêmica sobre as lesbianidades, essa coerência não se mantém no que tange à percepção social sobre sexo e desejo, como já dissemos. A dupla sexo/desejo parece ganhar espaço nos debates acadêmicos contemporâneos. Tanto é que os outros dois marcadores presentes em nosso levantamento, o corpo e o pretenso caráter revolucionário das lesbianidades, aparecem conjuntamente a essa dupla e guardam relação direta com ela: sexo e desejo se dão a partir de um corpo, envolvendo ao menos um outro corpo; a ideia de sapatão como revolução está ligada a uma visada política da prática sexual e do corpo praticante.

Nesse sentido Rojas (2016) afirma que “Un cuerpo lésbico es un cuerpo de mujer que se conoce, que se gusta, que se explora, que se ama, que se toca, que tiene intimidad consigo misma, que sabe del placer que hay en su propio cuerpo y que promueve que otras mujeres hagan y sientan su cuerpo” (p. 18). Na mesma linha, Wermuth & Canciani (2018) relacionam uma identidade lésbica ao “fato de tornar-se sujeito de seu desejo e de sua sexualidade em um mundo onde as mulheres são vistas, ao contrário, como objetos (...). É possível entender o caráter subversivo e a resistência da mulher lésbica como um corpo político (p. 1369)”. Argumentos similares são defendidos ainda por Abreu (2018) e Grillo & Lanzarini (2018).

Apresentadas de forma a valorizar a sexualidade e, em alguns casos, dar a ela um

caráter central, tais abordagens remetem fortemente às ideias de Wittig (1980). Fazemos, aqui, uma ressalva: fundamental ao desenvolvimento de um pensamento crítico sobre a lesbianidade e seu lugar entre as mulheres, a discussão da teórica do feminismo materialista francês traz para nossos ombros uma carga revolucionária e política que nem todas estamos dispostas a acolher. Ou ainda, como lembra Guasch, em entrevista a Paiva & Veras (2016), é preciso considerar que “Pode-se ser lésbica de muitas maneiras”.

Ainda que estejamos de acordo com as potencialidades de subversão à norma de gênero advindas de algumas vivências lésbicas, tal potência antinormativa das lesbianidades convive com uma série de outras negociações com a norma, compostas por negativas e, frequentemente, por várias reafirmações. Mesmo que tenhamos em mente que a identidade lésbica é coletivamente constituída (FERREIRA & GROSSI, 2014; ABREU, 2018), é importante questionar a unicidade que se atribui “à mulher lésbica” (GRILLO & LANZARINI, 2018; ROJAS, 2016). Nesse sentido, fazemos coro ao relevante artigo de Barbosa & Guerim (2020, p. 435-436) quando afirmam que “ser lésbica não é uma fase, mas também não pode ser uma prisão conceitual”.

O reconhecimento do caráter antinormativo presente às lesbianidades precisa estar aliado à possibilidade legítima de vivências múltiplas, sejam elas voluntariamente politizadas ou não. Nesse sentido, Rojas (2016) defende que tanto as vivências que encaram a lesbianidade como ato de rebeldia, como aquelas que o fazem às escondidas, de maneira parcial ou total, são desobedientes à norma de gênero e, portanto, têm caráter político. Mezzari (2019) lembra que é “Importante não perder de vista que as categorias que nós mesmas criamos para nos nomear também podem operar por meio de critérios violentos. Aos nossos próprios olhos nos transformamos em ‘mais lésbica’ ou ‘menos lésbica’; ‘mais ou menos sapatão’” (p. 18), apontando para o caráter coercitivo e novamente normalizador de tais parâmetros.

Assim, apesar da identidade coletiva e da inerência de alguma antinormatividade, entendemos que são igualmente legítimas as diversas práticas e identidades marcadas pelas lesbianidades, sejam elas menos ou mais centralmente sexuadas, politizadas, normativas etc.

O que entendemos como lesbianidade

A partir de tais discussões, descrevemos o que temos entendido como lesbianidades. Para tal, partiremos aqui da afirmação de Guasch (PAIVA & VERAS, 2016) de que há modos diversos de ser lésbica, o que significa, do nosso ponto de vista, também negar uma essência às lesbianidades. Assim, diferentes formas de vestir, de desejar, de amar e compartilhar a vida cotidiana, de andar, de fazer sexo, de resistir e de ser dócil, de se aproximar e se afastar dos papéis de gênero... uma grande variação de vivências deveria caber nas lesbianidades.

A determinação de um recorte para o que se enquadraria na ideia de lésbica e para a adequação da adoção do termo segue a ressoar em nós. A partir de pontos de vista diversos aos textos com os quais dialogamos anteriormente, Agostini (2010) aponta um patamar mínimo como definição de lésbica, como mulheres que preferem se relacionar sexualmente com mulheres. Facchini, por motivos operacionais, adota “mulheres com práticas homoeróticas” (2008, p.199). Pinheiro (2018) registra o uso de Mulheres que Amam Mulheres (mam, ou, nos fandoms analisados na pesquisa, Women Who Love Women, representado pela sigla wlw). Similar ao mam, o MSM, ou mulheres que fazem sexo com mulheres, é usado por abordagens epidemiológicas – nos dois casos, com a possibilidade de incluir mulheres bissexuais e outras que preferem não se identificar na sigla LGBT, escapando à delimitação identitária.

Mas se afastar da noção de identidade, ainda que importante para abordagens como a epidemiológica, também traz desvantagens. Em primeiro lugar, é preciso pontuar o óbvio: todo recorte é excludente. Ao adotar o MSM, por exemplo, as abordagens epidemiológicas ampliam o escopo de políticas para além das lésbicas autoidentificadas, mas deixa escapar as mulheres que se identificam como lésbicas, mas não são adeptas a práticas sexuais. O mesmo vale para o mam, com um agravante: ao apontar especificamente para o amor, e não para a sexualidade, o mam também desconsidera mulheres que fazem sexo com mulheres sem um envolvimento amoroso e pode ajudar a fortalecer a ideia da mulher como um ser pouco sexuado (ARC, 2009; GIMENO, 2008; MÍCOLLIS & DANIEL, 1983).

Por outro lado, a reafirmação da identidade lésbica, secundarizada em termos como MSM e mam, é tida como muito importante por vários segmentos envolvidos direta ou indiretamente com as homossexualidades, como os movimentos sociais (ALMEIDA &

HEILBORN, 2008) e grupos de mulheres periféricas (MEDEIROS, 2006) – ainda que, como defende Laclau (1986), a flexibilidade seja inerente à percepção das identidades e que a interseccionalidade precise ser considerada.

Almeida e Heilborn (2008) também apontam a construção da identidade lésbica como um processo que imprime mudanças ao corpo – ainda que entendamos tal alteração como possível, mas não obrigatória. Para Brandão (2010), a construção das identidades lésbicas é um processo social que articula o gênero, a sexualidade e os afetos. Entretanto, ressalta que nenhum desses elementos é estático como a definição de uma identidade pode pressupor, apontando os riscos de se fixar uma identidade.

Chegamos, assim, a uma dupla ideia de lesbianidade, como prática e identidade. Por um lado, é possível se identificar como lésbica – e tal afirmação deve bastar para além de qualquer questionamento. Mas também é possível olhar a questão de forma menos marcada pela identidade, a partir de práticas cotidianas que independem de alguém se afirmar como algo. Nesse sentido, uma mulher pode, por exemplo, fazer sexo com outra(s), se envolver de forma romântico-afetiva ou imprimir mudanças ao seu corpo que aproximem sua aparência física à de *butches* sem se identificar como lésbica. Tais práticas, socialmente vistas como caracterizadoras das lesbianidades, se inseririam em uma espécie de *continuum* lésbico, mas são insuficientes para delimitar identidades – poderiam ser vividas por mulheres que se identificam como bissexuais ou mesmo como heterossexuais, como discutem os artigos analisados. Não cabe a ninguém determinar, externamente, o ponto de divisão entre práticas e identidade lésbica, já que se trata de algo subjetivo.

Os vídeos que compõem nosso corpus foram analisados tendo essa discussão como pano de fundo. Assim, trataremos as mulheres que neles aparecem a partir de tal ideia de lesbianidades, incluindo assim lésbicas, sapatonas, bissexuais ou outras que, mesmo não nomeadas neste trio, estejam contempladas pela definição.

Metodologia

Os 863 vídeos que compõem os dados aqui apresentados são fruto de duas coletas no YouTube feitas por meio da ferramenta *YouTube DataTools*, utilizando os termos *lésbicas* e *sapatão*. A primeira delas, com *lésbicas*, foi feita em setembro de 2018. Por

padrão, a ferramenta gera uma lista dos 500 vídeos mais vistos com o termo. Assim, nos surpreendemos com o resultado: foram encontrados somente 363 vídeos, com quantidade de visualizações entre 0 e 3.328.987.

Essa primeira lista de resultados já aponta questões importantes. Para começar, havia apenas 363 vídeos com o termo *lésbicas* no título/descrição em todo o YouTube. E mesmo o vídeo mais visto tinha uma quantidade de visualizações relativamente baixa no contexto da plataforma.

A partir de tais percepções, optamos por uma segunda coleta, com a palavra-chave *sapatão*. A ideia era comparar os dois *datasets*, tendo em vista o uso ambíguo que se faz desse segundo termo, empregado tanto em contextos de discriminação, quanto, politicamente, para reafirmar as identidades lésbicas. A coleta com *sapatão* foi feita em outubro de 2018 e teve como retorno uma planilha com os 500 vídeos esperados, contando visualizações entre 200 e 1.450.475.

Optamos, então, por uma análise qualitativa do conteúdo dos vídeos. Para tal, assistimos a cada um dos vídeos listados nas coletas e fizemos um primeiro esforço na elaboração de categorias autoemergentes, refinadas posteriormente para que conseguíssemos entender quem se dá a ver nesses vídeos. São mulheres lésbicas falando de si e de suas experiências ou outras pessoas se referindo a nós? São outros produtos midiáticos, como músicas e trechos de filmes, recortados e apropriados? E, mais importante aqui, quando se trata de mulheres que se identificam como lésbicas, quem são? Quais se dão a ver – brancas, negras, indígenas ou amarelas? Magras ou gordas? Jovens ou o que convencionamos chamar de adultas+ – mulheres que aparentam ter mais de 30 anos?

Cada uma dessas questões originou várias discussões em nossas reuniões de pesquisa, que transportamos para trabalhos que produzimos durante os últimos dois anos. Neste artigo, discutimos quais os corpos que se dão a ver e que aparecem nos vídeos da nossa coleta, como os deslizamentos de sentido encontrados entre *lésbicas* e *sapatão* atravessam essas visualidades e produzem formas possíveis de representar os corpos de lésbicas. Para tanto, elencamos categorias que guiaram a nossa análise, a partir de três parâmetros: idade, corpo, raça/cor. Esses parâmetros partem do padrão de beleza que privilegia mulheres brancas, jovens e magras e nos permitiu entender como esse padrão é reproduzido ou questionado nas produções analisadas. Após essa catalogação inicial das

sujeitas presentes nos vídeos, construímos gráficos comparativos entre as duas coletas a partir desses parâmetros.

Os percentuais aqui apresentados partem do total de vídeos em cada coleta – e há um grande número de vídeos em que não estamos, em que aparecem homens falando de nós, por exemplo – motivo pelo qual a soma dos percentuais apresentados não chega a 100%. Vale registrar que a pesquisa aqui apresentada é um trabalho conjunto e demandou o empenho de outras cinco pessoas⁶, além das que assinam este artigo, a quem agradecemos.

Dados e análise

Antes de apresentarmos os gráficos, é importante pontuar algumas percepções gerais sobre diferenças encontradas nas coletas, que nos fornecem pistas para compreender alguns dados desse recorte que efetuamos aqui. Os vídeos da coleta *sapatão* mostram com maior frequência conteúdos que apresentam expectativas sobre as lesbianidades, como brincadeiras que dialogam com um senso comum partilhado entre mulheres lésbicas, por exemplo, vídeos sobre a sapatão de cada signo, o porquê de sapatão ser tão ciumenta, tipos de sapatão, mitos sobre sapatão. Ao analisar esses vídeos, percebemos que o termo *sapatão*, criado como uma forma de desqualificação dirigida às mulheres lésbicas, tem seu significado subvertido e passa a ser utilizado por nós para falar sobre nossas próprias vivências em produções que parecem ser direcionadas para outras lésbicas, com um tom muitas vezes humorístico.

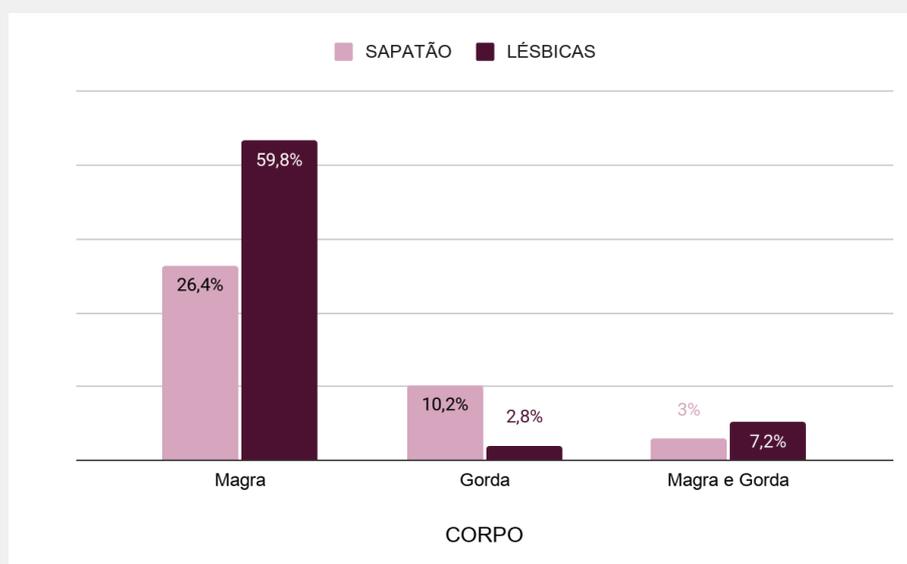
Em contrapartida, a maior parte dos vídeos que apresentam violência simbólica também estão na coleta *sapatão* (sendo 26,8% dos vídeos, em comparação aos apenas 9,4% na coleta *lésbicas*), demonstrando que ainda que o termo esteja sendo reivindicado com orgulho pelas mulheres lésbicas, ainda é utilizado como forma de nos violentar. Vídeos que mostram brigas (ZILLER & BARRETOS, 2021) e que trazem músicas como *Bala na Dilma Sapatão*⁷, são exemplos que apresentam esse uso do termo.

⁶ Agradecemos a Flora Villas Carvalho, Gab Lamounier, Isadora Fachardo, Lídia De Paula Ferreira Teixeira e Marina Morena pelo trabalho.

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=D49W5PHOYXg>

Essa aparente incoerência mostra que os sentidos atrelados às lesbianidades estão em uma complexa disputa, que não se limita ao uso dos termos em vídeos publicados, mas reflete a própria dinâmica social. Há uma busca pela padronização das nossas experiências por nós mesmas, a fim de garantir um reconhecimento dentro do grupo, ao passo que continuamos expostas a uma estigmatização violenta por outras pessoas. Essa complexa disputa ganha novos contornos quando efetuamos recortes de raça/cor, idade e corpo, conforme podemos ver nos gráficos que seguem.

Gráfico 1. Padrão corporal nos vídeos analisados, dividido pelas coletas *lésbicas* e *sapatão*



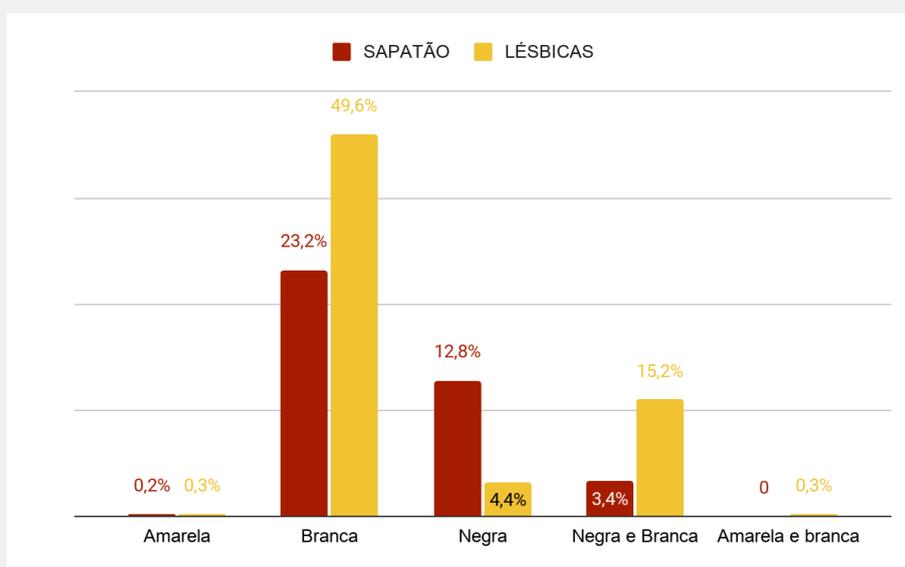
Fonte: elaboração própria

Na questão da diversidade corporal, por exemplo, usando os marcadores "gorda" ou "magra", enquanto na coleta *lésbicas* os corpos magros são 59,8%, na *sapatão* o grupo é consideravelmente menor, 26,4%⁸. De maneira geral, em ambas as coletas, são vistos muito mais corpos magros que gordos: o total de magras que protagonizam um vídeo, somando as duas coletas, é 349; o de gordas é 61. No entanto, chama atenção o fato da maioria de pessoas gordas estar dentro da categoria *sapatão* (10,2%), sendo, na *lésbicas*, apenas 2,8%. Assim, percebemos que o padrão de magreza é reproduzido na maioria dos vídeos, principalmente nos que apresentam o termo *lésbicas* no título. Pode-se compreender, portanto, uma normatização corporal, uma aproximação às normas de gênero.

⁸ A soma dos percentuais não totaliza 100% uma vez que se dá em relação ao total de vídeos e há muitos vídeos sem a imagem de mulheres – apenas com homens, por exemplo.

Outro componente importante de destacar em função da reafirmação normativa dos corpos diz respeito a raça e etnia. A representação amarela, por exemplo, é pífia. Há apenas um vídeo protagonizado por uma mulher amarela em cada coleta; e na coleta *lésbicas*, mais um vídeo protagonizado por uma pessoa branca e uma amarela. Ao mesmo tempo, as brancas são maioria nas duas coletas, com dominância de brancas na categoria *lésbicas*, 49,6% (ou 180 vídeos), em comparação aos 23,2% (ou 116 vídeos) da *sapatão*.

Gráfico 2. Raça/etnia nos vídeos analisados, dividido pelas coletas *lésbicas* e *sapatão*



Fonte: elaboração própria

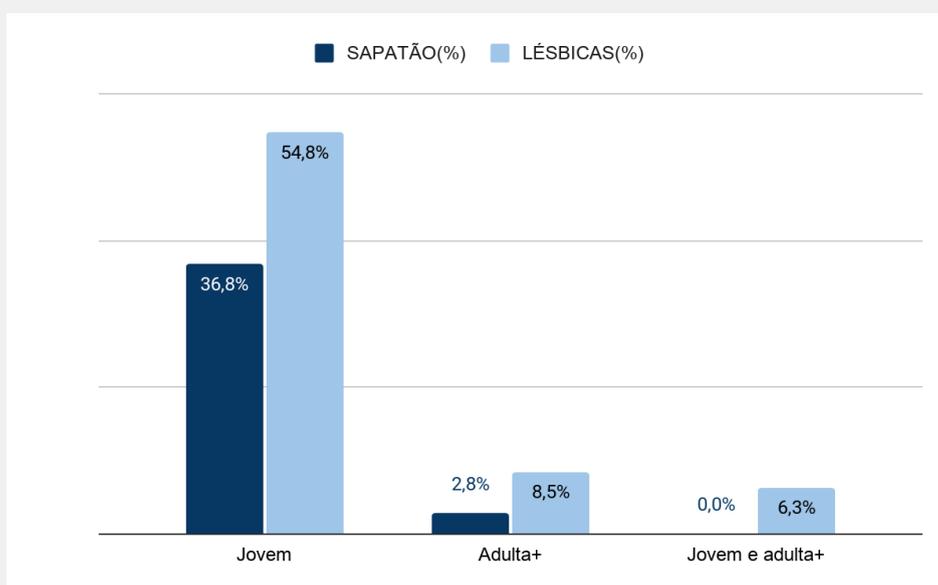
Por outro lado, a maioria dos vídeos nos quais vemos mulheres negras está na categoria *sapatão*, em que pretas e pardas aparecem em 12,8 % dos vídeos. Apenas 4,4% de vídeos na coleta *lésbicas* mostra mulheres negras. Isto significa que 60% das protagonistas brancas estão dentro da categoria *lésbicas*, enquanto 80% das protagonistas negras estão inseridas na coleta *sapatão*. Outro dado interessante é que, quando aparecem juntas, isto é, uma protagonista negra e uma protagonista branca no mesmo vídeo, a proporção se inverte, sendo 3,4% destes vídeos de *sapatão* e 15,2% de *lésbicas*. Assim, além da categoria *lésbicas* ter a maior concentração de mulheres brancas, os vídeos com protagonistas negras e brancas juntas são maioria nesta mesma categoria.

Ou seja: uma quantidade muito pequena de vídeos de nosso corpus é protagonizado por mulheres negras. E, na coleta *lésbicas*, categoria protagonizada majoritariamente por mulheres brancas, é curioso notar que a maior parte dos vídeos com

protagonistas negras traz ao mesmo tempo mulheres brancas, expondo, possivelmente, uma lógica racista de "legitimação" da presença das lésbicas negras através do comparecimento de uma outra branca.

A maior presença de mulheres negras em vídeos da coleta *sapatão* se reflete em dois pontos centrais: primeiro, fica demonstrado que há uma maior diversidade racial em produções que utilizam o termo com um viés de resistência, em vídeos de conteúdo mais social e politicamente consciente. Contudo, também explicita o fato de que, em nossa coleta, mulheres negras são as vítimas mais frequentes nos vídeos com teor de violência simbólica, como assédio moral, agressões, xingamentos. Como reforçado anteriormente, a coleta *sapatão* é marcada por vídeos entre dois opostos, aqueles que usam o termo de maneira a reafirmar a discriminação e perpetuar a violência contra lésbicas e aqueles que o adotam com intuito de subverter a lógica, deslocando o termo *sapatão* como forma de resistir à violência, sem negar sua "sapatonicidade" e, ao contrário, muitas vezes registrando um viés positivo a suas características.

Gráfico 3. Divisão etária nos vídeos analisados, dividido pelas coletas *lésbicas* e *sapatão*



Fonte: elaboração própria

No que diz respeito à idade, as mulheres que aparecem nos vídeos são majoritariamente jovens, como mostra o GRAF.3. Há uma presença muito pequena do que chamamos de adulta+, mulheres que aparentam ter mais de 30 anos, sendo encontradas

em maior grau em vídeos da coleta *lésbica*. Há, portanto, um forte componente geracional em nosso corpus – jovens são 54,8% da coleta *lésbicas* e 36,8% de *sapatão*. A faixa etária que denominamos *Adulta+* aparece em 2,8% dos vídeos da coleta *sapatão* e 8,5% da *lésbicas*. A categoria *lésbicas*, também, é a única na qual aparecem adultas e jovens juntas, em 6,3% do corpus.

Tal resultado aponta, novamente, para uma padronização das experiências. Não apenas é diferente ser lésbica aos 20 e aos 50 anos, mas também as vivências de mulheres lésbicas que hoje estão em tais faixas etárias tendem a se diferenciar substancialmente em função do que significava ser lésbica no Brasil no final do século XX e em 2021.

Reafirmações e contradições

Além dos dados descritos nos gráficos, vale pontuar alguns achados da análise qualitativa que ajudam a matizar a discussão quantitativa apresentada. Para categorizar os vídeos segundo as categorias elencadas, assistimos todo o conteúdo e debatemos conjuntamente a respeito das impressões. Assim, percebemos algumas recorrências que nos auxiliaram a desenvolver uma reflexão a respeito dos padrões encontrados, bem como sobre as exceções. Apresentamos, a seguir, exemplos do canal *Sapatão Amiga* e dos vídeos *Como a sapatão de cada signo sofre* e *20 lésbicas mais lindas*⁹.

Responsável por 15 vídeos da coleta *sapatão*, o canal *Sapatão Amiga* contradiz boa parte das tendências quantitativas de nosso corpus. As produções possuem um tom mais crítico, abordando raça e classe em vários deles. Ana Claudino, responsável pelo *Sapatão Amiga*, é uma mulher negra, gorda e jovem e também traz para os seus vídeos convidadas que não se enquadram no padrão branca-jovem-magra.

Dos 15 vídeos do canal no nosso recorte, 13 deles se enquadram na categoria *orgulho*, que criamos para dar conta de produções que não se limitam a apresentar expectativas sobre as lesbianidades, mas estimulam e aprofundam discussões sobre nossas experiências de modo a valorizá-las. Assim, os vídeos não se voltam a brincar com o senso comum que partilhamos acerca das nossas vivências ou a reproduzir um padrão

⁹ <https://www.youtube.com/c/Sapat%C3%A3oAmiga/>, <https://youtu.be/bxjuSLu9BCc> e https://youtu.be/tr_O0EFV0Ts

excludente, mas levantam a bandeira de orgulho e de luta, trazem questionamentos sobre as nossas vulnerabilidades, violências a que estamos submetidas, exaltam a força da sapatão.

Já bem mais próximo do padrão quantitativo descrito em nossos gráficos, no vídeo *Como a sapatão de cada signo sofre* uma jovem branca e magra descreve, em 12 minutos, as formas como cada signo lida com a dor, especialmente no que tange a aspectos românticos. A protagonista brinca com questões relacionadas às lesbianidades e dá exemplos da sua própria vivência e de outras lésbicas que conhece. Ela começa o vídeo avisando não querer generalizar, mas evoca experiências intimamente vinculadas a um padrão de lesbianidade a partir do lugar de uma mulher que mantém os benefícios de ser jovem, branca e magra. A diferença entre o tom crítico dos vídeos em *Sapatão Amiga* e a ausência dele em produções como essa aponta para um certo conforto em brincar com o padrão e reproduzir os sentidos atrelados a ele quando se faz parte dele e se vivencia as conveniências desse pertencimento.

De maneira concernente tanto aos aspectos quantitativos de nosso corpus, quanto às normas de gênero de nossa sociedade, o vídeo *20 lésbicas mais lindas*, listado na coleta *lésbicas*, traz uma sequência de fotos de mulheres famosas – todas jovens, magras e, em sua grande maioria, brancas, elencando o *top vinte* das lésbicas mais bonitas. A aproximação entre as imagens mostradas no vídeo e o padrão vigente de beleza aponta para a altíssima adequação corporal entre nosso corpus e o padrão socialmente circulante de mulher.

Esses exemplos nos ajudam a compreender as nuances das visibilidades de experiências lésbicas no YouTube. A subversão do termo sapatão, a padronização dos corpos que se dão a ver nos vídeos, as exceções em que corpos fora do padrão normativo predominante protagonizam relatos críticos, os temas abordados, evidenciam algo que percebemos desde a revisão bibliográfica que apresentamos no início do trabalho: não há uma única forma de ser lésbica. A dissidência sexual atravessa nossas vivências de formas muito diversas, além de se articular com outros aspectos das nossas experiências de ser e estar no mundo, como classe, raça, idade, corporalidades, que darão novos contornos aos modos como vivemos e expressamos as lesbianidades. Essa multiplicidade precisa ser sublinhada nas nossas produções e análises.

Considerações finais

Conforme destacamos, a pesquisa cujos resultados são parcialmente apresentados neste artigo parte da ideia de que há muitas formas de ser lésbica. Entretanto, uma delas é muito mais presente nos vídeos que compõem nosso corpus: as lesbianidades experienciadas por mulheres jovens, brancas, magras e que performam feminilidade – este último elemento, pouco discutido no presente artigo, mas muito visível no corpus.

Como vimos, nos vídeos coletados a partir dos termos *lésbicas* e *sapatão*, a quase totalidade é protagonizada por mulheres jovens; 6 em cada 10 mostram apenas brancas; e 7 em cada 10, só magras. A invisibilidade de lésbicas negras, de lésbicas gordas, de lésbicas que não são mais vistas como jovens, de lésbicas com deficiência (que não aparecem em sequer um vídeo em nosso corpus) se soma à invisibilidade cotidiana das lesbianidades como um todo. Aponta, assim, para a percepção de que, quando encontramos espaços de visibilidade, quando falamos de nós, o fazemos muitas vezes em consonância com as normas de gênero – ainda que haja vídeos em nossas coletas que se preocupam com a quebra desse padrão, o trazem à tona para reafirmar uma visão crítica.

O pequeno número de produções acadêmicas brasileiras que se voltam à temática das lesbianidades nos mostra que as invisibilidades também estão presentes no campo científico, algo que precisamos reverter. É fundamental que sejam desenvolvidas reflexões sobre as experiências das lesbianidades que abarquem a multiplicidade dessas existências, apresentem nossas próprias urgências e também as contradições que reproduzimos e enfrentamos.

Vale registrar, ainda, que muitos debates necessários a este artigo seguem a ser feitos, em outros textos e nas discussões periódicas do GEL (Grupo de Estudos em Lesbianidade da UFMG). Entre eles, por exemplo, as possibilidades de análise cruzada, que mostrariam que muitas das mulheres negras da coleta *sapatão* não estão em vídeos em que falam de si e das próprias experiências, mas, infelizmente, registram episódios de violência física ou simbólica.

Referências

- ABREU, Maira. Nosotras: feminismo latino-americano em Paris. **Revista Estudo Feministas**. 21(2). Mai./Ago. 2013.
- ALMEIDA, Gláucia. Argumentos em torno da possibilidade de infecção por DST e Aids entre mulheres que se autodefinem como lésbicas. **Physis-Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, n. 2, p. 301-311, 2009.
- ALMEIDA, Gláucia & HEILBORN, Maria Luiza. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. **Gênero**, v. 9, n. 1, 2o sem. 2008. P. 225-249.
- ARC, Stéphanie. **As lésbicas**: mitos e verdades. São Paulo: GLS, 2009.
- BARBOSA, Camila & GUERIM, Laura. Múltiplas construções da identidade lésbica: uma análise das narrativas teóricas de formação da subjetividade. *Revista Ártemis*, vol. n. 1; jul-dez, 2020. pp. 422-437. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/53014>>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- BARBOSA, R.M.; FACCHINI, R. Acesso a cuidados relativos à saúde sexual entre mulheres que fazem sexo com mulheres em São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, sup 2, p. S291-S300, 2009.
- BATISTA, Daniela Conegatti e SOUZA, Jane Felipe. A lesbianidade materializada nos corpos (nem tão) femininos. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. Abr. 2019.
- BORGES, Lenise Santana & SPINK, Mary Jane Paris. Repertórios sobre lesbianidade na mídia televisiva: desestabilização de modelos hegemônicos. **Psicologia & Sociedade**. V. 21, n.3: 442-452. 2009.
- BORGES, Lenise Santana. Mídia e lesbianidade: uma análise sobre posicionamentos na telenovela *Senhora do Destino*. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**. V. 4, n. 1, p. 60-72. Jun. 2011.
- BRANDÃO, Ana Maria. **E se tu fosses um rapaz?** Homo-erotismo feminino e construção social da identidade. Porto: Afrontamento, 2010.
- BRITO, Jaqueline Gil. "Can I Be Me?": A estrela Whitney, uma história de sucessos marcada por opressões. **Cadernos de Gênero e Diversidade**. V.4, n. 2. 2018
- CAPRONI NETO, H. L. & BICALHO, R. A. Violência simbólica, lesbofobia e trabalho: um estudo em Juiz de Fora. **Holos**.V04. 2017.
- CARMO, Íris Nery. O perigo das dobras: iconografias e corporalidades no feminismo contemporâneo. **Sociologia & Antropologia**. 8(1). Jan./Abr. 2018.
- FACCHINI, Regina. Entre umas e outras: mulheres (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. 323p. **Tese** de doutorado apresentada ao programa de Ciências

Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

_____. Vinte anos depois: mulheres, (homo)sexualidades, classificações e diferenças na cidade de São Paulo. **Gênero**, v. 9, n. 1, 2o sem. 2008. P. 195-223.

FERREIRA, Vinicius Kauê & GROSSI, Miriam Pillar. Teoria queer, políticas pós-pornô e privatização da sexualidade: uma conversa com Marie-Helene Bourcier. **Revista Estudos Feministas**. V. 22, n. 3. 2014.

FREITAS, Rafaela V. Tesouradas. Gênero e sexualidade nas representações das lesbianidades. In: FERRÃO, Dalcira; CARVALHO, Lucas H. & COACCI, Thiago (Org.). **Psicologia, Gênero e Diversidade Sexual: saberes em diálogo**. Belo Horizonte: CRP04, 2019. P. 196-220.

GIMENO, Beatriz. **La construcción de la lesbiana perversa: visibilidad y representación de las lesbianas en los medios de comunicación: el caso Dolores Vázquez-Wanninkhof**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2008.

GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio & FERNANDES, Marisa (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

GRILLO, Camila Karla e LANZARINI, Ricardo. Fixidez e a desconstrução: uma discussão sobre a identidade lésbica invisibilizada nas artes. **Artémis**. V. 25, n. 1. Jan./Jun. 2018.

LEITE, Letícia Batista Rodrigues. Quando a "décima musa" inspira raps e tambores: dos usos políticos da figura de Safo por vozes lésbicas e feministas no Brasil contemporâneo. **Heródoto**.v. 2, n. 2. Dez. 2017.

LESSA, Patrícia. O feminismo-lesbiano em Monique Wittig. **Ártemis**, v. 07, dez. 2007. P. 93-100.

LIMA, Fátima. Raça, Interseccionalidade e Violência: corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, V. 4, n. 2. 2018.

MACIEL, Patrícia Daniela & GARCIA Maria Manuela Alves. A lesbianidade como arte da produção de si e suas interfaces no currículo. **Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPEd**. Out., 2015.

MARTINS, Larissa Pinto. Quebrando o tabu: visibilidade lésbica através dos boletins Chanacomchana. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. V.05. Abr. 2019.

MEDEIROS, Camila Pinheiro. "Uma família de mulheres": ensaio etnográfico sobre homoparentalidade na periferia de São Paulo. **Revista Estudos feministas**.v. 14, n. 2. Mai./Set. 2006.

MEZZARI, Danielly Christina de Souza. Lesbianidades e monstrosidades em pesquisa – Apontamentos sobre as errâncias da escrita. **Revista Espaço Acadêmico**. 19(216). 2019.

MÍCCOLIS, Leila & DANIEL, Herbert. **Jacarés e lobisomens: dois ensaios sobre a**

homossexualidade. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

OLIVEIRA, Mariana Duarte & MESQUITA, Marcos Ribeiro. Saindo do armário: a história do movimento lésbico em Maceió. **Artémis**. N. 26.2018.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva & VERAS, Elias Ferreira. Sobre "peineta" e "cuero": entrevista com Oscar Guasch. **Revista Estudo Feministas**. 24(1). Jan/Abr. 2016.

PINHEIRO, Pedro Marques. Vampirias que amam mulheres: sentidos e performances de lesbianidade no fandom de Carmilla. 2018. (**MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2018.

RIBEIRO, Jessyka K.A.; COSTA, Jussara C. & SANTIAGO, Idalina M.F.L. Um jeito diferente e "novo" de ser feminista: em cena, o Riot Grrrl. **Artémis**. N.13. Jan/Jul. 2012.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica (1980). In: _____. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios**. A Bolha Editora: Rio de Janeiro, 2019. P. 25-108.

ROJAS, Zicri J. O. El lesbianismo como práctica descolonizador. **Artémis**.N.21. Jan./Jul. 2016.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SANTOS, Ana Valéria Goulart. Representatividade lesbiana na obra *Amora*, de Natalia Borges Polessio. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. V. 04, ed. especial. Fev. 2018.

SILVA, Zuleide Paiva. Lesbianidade Política na Bahia: que ginga é essa? **Cadernos de Gênero e Diversidade**. 4(2): 91-116. 2018.

TOLEDO, Livia Gonsalves & TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ANO 10, N.3, P. 729-749, 3º quadrimestre de 2010. Disponível em <http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/pdf/v10n3a06.pdf>. Acesso em 27 jan. 2021.

WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi & CANCIANI, Pamela. Entre identidades e microrresistências: onde estão as lésbicas. **Quaestio Iuris**. V. 11, n.02. 2018.

WITTIG, Monique. O Pensamento Hétero. 1980. Disponível em: https://we.riseup.net/assets/134062/Wittig,+Monique+O+pensamento+Hetero_pdf.pdf. Acesso em: 01 dez. 2018.

ZILLER, Joana & BARRETOS, Dayane C. Lesbianidades em vídeos no Youtube: homonormatividade e violências. **XXX Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.